



Gaiato

12 DE MAIO DE 1973
ANO XXX N.º 761 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

MALANJE

Filhos sem nome.

Arranjou um emprego com a condição de ter a carta de condução. Como é menor, disseram-lhe que precisava de se emancipar. Foi aos tribunais e lá que seria mais fácil se o pai lhe desse o nome e a autorização. Meteu-se no comboio e foi cheio de esperança ter com o pai a uma vila distante. O grande senhor seu pai recebeu-o com frieza e esta triste arrancada: «Se precisas de dinheiro, toma; mas o nome, não». O rapaz esmagado e ferido rejeitou-lhe o dinheiro e virou-lhe as costas.

Ele nem duvida que o rapaz é seu filho. Viveu anos com a mãe preta e o filho nasceu mulatinho com suas feições retintas.

Os que hoje bebem «whisky» em casa do pai — Padre, Professor e Chefe da Polícia — estão prontos a apontar o dedo e condenar o rapaz se ele cometer o atrevimento de roubar um porta-moedas.

x x x

Naquela cidade todos se curvam diante do senhor; do-brando mesmo a espinha ao fulgor do seu dinheiro. O metal abundante agigantou-o. Pequeno rei que tudo pode e vai fazendo o que lhe apetece.

Solteiro. Muitas mulheres nativas, muitos filhos mestiços. Tudo fácil. Nunca ninguém lhe disse olé.

Há tempos um filho já moço encheu-se de coragem e apareceu-lhe. Meteu-lhe vinte contos na mão e que nunca mais lhe aparecesse em casa, que não estava pra chatices.

Sabemos que o dever deste senhor era dar o seu nome, o pão e a educação a seus filhos.

Uma lei justa que o agarresse pela gola do casaco e o pusesse no caminho certo.

Os grupos de contratados que trabalham nas suas fazendas são rebanho!

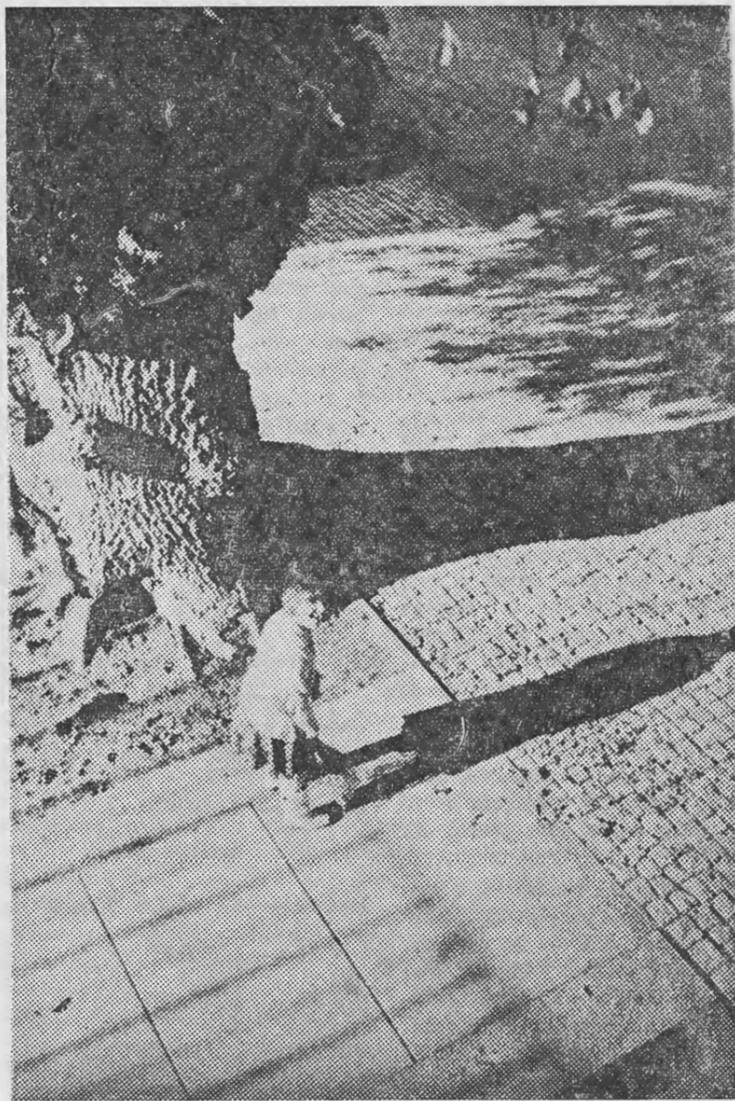
As mulheres com quem dormiu, gado paciente e sofredor!

Seus muitos filhos, cabritos sem qualquer interesse, que convém afastar do caminho largo e lauto!

Padre Telmo

CALVÁRIO

Maria Alice,
débil mental
e aleijada,
Sombra que é
luz da Luz.



O pai do João veio buscá-lo. Foi numa manhã de sol radio-so destes domingos de primavera.

O João veio para nossa Casa há quatro meses com três meios irmãos. Encontrei-os na «Nova Sintra», junto à fábrica «Barreiros» totalmente abandonados. A mãe escravizara-se na prostituição. O pai, servente de pedreiro, ausentara-se para a França numa total irresponsabilidade dos seus deveres naturais.

As três crianças vinham totalmente «despidas de hábitos humanos». Não sabiam comer, nem vestir-se, nem lavar-se, nem as mais elementares necessidades higiénicas! O sofrimento que foi para tomarem banho e vestirem uma roupa limpa!... Para se sentarem à mesa!...

«No gracioso à-vontade da nossa Casa» este período de tempo foi suficiente para encontrarem o sentido da sua dignidade.

O João foi à escola. Uma escola particular com uma pro-

Setúbal

fessora paga por nós, para auxiliar os que assim entram fora da idade escolar, dos hábitos e das classes. O João aprendeu as primeiras letras e estava cheio de vontade e de gosto.

Engrenou nos grupos de trabalho e já gostava de fazer a sua obrigação.

Despertara nele uma vontade natural que se manifestava em carinho com os gerados no mesmo ventre materno e os englobados no meu coração paternal. Na Catequese extasiava-se com as verdades eternas!... O João era mesmo João!...

Naquela manhã o pai entrara na Capela. Nós celebrávamos a Eucaristia, na alegria e na esperança que a nossa fé imprime a este acto religioso. Acabávamos o Pai Nosso. A figura do homem de barba por cortar, olhos negros e arraiados de sangue, aspecto sujo e desleixado dominou-me, adivinhando o seu intento. A Eucaristia fixou-se para mim na Paixão e na Morte.

Enquanto despia as vestes sacerdotais o homem entrou na sacristia e desfechou: «Só padre venho buscar o João qu'ê mê filho». A minha alma ficou triste, triste: — era a Morte. Disse-lhe: — Espere lá fora para conversarmos.

De nada valerem os meus argumentos mais os dos rapazes.

Com dez anos o João nunca tinha ido à escola.

— Olhe que o seu filho nunca mais aprende a ler.

— Isso que importa. Eu também não sei ler e sou homem como os outros!

O João quando soube que a intenção do pai era levá-lo fugiu e escondeu-se. O pai procurou-o e ameaçou-o: — Ou vais ou mato-te.

E para nós: — Ele não quer ir porque já se desafeiçoou de mim, mas em chegando ali às Pedreiras, vamos à taberna, ele bebe dois copos eu compro-lhe rebuçados e ele fica logo mê amigo.

Ainda lhe recomendámos: — Tu, João, fuge ao teu pai e

volta para nossa Casa.

O João dizia que sim. Mas há quinze dias que vemos a entrada da Casa às escuras sem o regresso do João. Temo que o pai o leve clandestinamente para a França e faça do filho um bruto semelhante a si!

Que poderia eu fazer? — Nada. Chorar a desdita de crianças sem protecção legal, sujeitas à despótica escravidão dos pais.

Que me permitirá a lei? E os intérpretes dela? Tantas ve-

Continua na QUARTA página

A crise de papel mantém-se!

Na edição de 14 de Abril referimo-nos à crise de papel. Recomendámos vigorosa e imediata intervenção de quem do direito... Mas, até agora, «tudo continua como dantes, quartel-general em Abrantes»!

Não está certo!

Parece anedota, mas é verdade: o nosso fornecedor — armazénista de largos créditos na praça — para nos servir, teve de pedir a outro cliente a cedência das resmas estritamente necessárias para esta edição, e *po conta da nossa encomenda firma da em 14 de Fevereiro p. p.*

Estamos praticamente no mesmo pé quanto a uma remessa de papel de impressão para obra de livro, da nossa Editorial...

Não está certo!

Temos em mãos dois recortes dos poucos (!) jornais que puseram o dedo na ferida, corroboração ou esclarecendo, aliás quanto dissemos na penúltima edição. Afirma o «Diário de Lisboa»:

«... é um facto que o mercado (de papéis) tem dificuldades a

Cont. na SEGUNDA página

PELAS CASAS DO GALATO

CALVÁRIO

A NOSSA PÁSCOA — Apesar de nada ter mudado à nossa volta, nem por isso deixa de ter sentido a data em que a Páscoa é festejada.

Na «Grande Semana» tivemos dois dias de preparação ou, melhor, avivaram-se os corações com textos e explicações para melhor compreensão do verdadeiro significado das cerimónias em que iríamos participar.

A Ceia física e Eucarística teve lugar no nosso salão. Presente a Comunidade mais consciente deste recanto da Obra, juntamente com alguns Amigos que tiveram o ensejo de saborear aquelas horas conosco. Isto foi o começo, verdadeiramente falando, de nos inteirarmos

dos acontecimentos que nos são revelados todos os anos por esta Quadra.

A Vigília Pascal foi o ponto culminante e saboroso. A Liturgia foi explicada e participada sem sono nem aborrecimento. Houve depois um pequeno beberete no refeitório. E para provar de que não houve sono fui dar uma voltinha por um dos pavilhões. Encontrei tudo bem deserto. Até um doente se encontrava a cantarolar como se o dia tivesse rompido!

Páscoa! Chegado este dia todos, por gestos ou palavras, exprimiam os votos de Páscoa Alegre, Feliz, etc. Pelo meio da tarde alguém parecia estar triste! Porquê num dia daqueles? Porque viram passar o «Compasso». E essa pessoa queria beijar a Cruz. Seria uma intenção singela e simples de se realizar. Mas, ao longo dos anos, temos verificado que isso complicaria um pouco a ordem cá em Casa. Seja como for, não tive explicações razoáveis naquela ocasião. Mas pensei em tantos cristãos que no dia de Páscoa se dedicam mais às luzes, flores e, sobretudo, foguetes, para beijarem um Cristo cheio de flores. Para eles há isso e o complemento de uma festa rija... Enquanto que os «outros» irmãos são esquecidos. E quantas vezes ofendendo-os e desprezando-os! Não será um refúgio toda esta Quadra para se esconder na fuga da dor alheia, tranquilizar a consciência com um culto errado a Deus?!

Todo o Mundo Cristão viveu a Páscoa. Desejamos que tenha sido um meio de intensificação na caminhada para o autêntico Caminho, que Ele nos abriu: a Páscoa Eterna!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM CASO — Ela é uma mulher viúva. Doente. Tem a seu cargo o pai, de propecta idade, e três filhos adoptivos.

Quando enviuvou (sem recursos...), agarrou-se ao trabalho fora do lar — para sobreviver. Foi operária. Depois... tem sofrido um calvário bem amargurado — aliviado pelos vossos donativos.

O marido foi empregado comercial. Até falecer, descontou muitos anos para a Caixa de Previdência. Ela também, até se desempregar... Como presumível beneficiária, em duas frentes, um dia, pediu-nos que mexessemos os papéis. Andamos há mais de um ano a escrever prás ditas, reclamando benefícios. Debalde! Perdemos já um ror d'horas de ometna em punho. Gastámos muito papel e tinta e selos do correio, em cartas registadas... Um ano perdido em jogo da «cabra cega», de Caixa para Caixa. Uma avaliação de ineficiência da orgânica dos serviços!

Em conclusão:

1. A mulher não pode receber pensão de sobrevivência por o marido

«ter falecido em 1957 e o primeiro âmbito da modalidade se reportar a 1/1/64, portanto, em data posterior à do falecimento», afirma uma Caixa;

2. Ela não pode receber pensão de reforma, por invalidez, por «ter descontado somente para a modalidade de doença», afirma outra.

Não será uma flagrante injustiça social? Que culpa tem esta gente — e não serão poucos! — do pecado de omissão?

Ainda perguntámos se, porventura, teria direito a assistência médica e medicamentosa, já que é notório o desejo de cobertura total do País, no âmbito das Caixas. Que batéssemos a outra porta, foi a resposta. Mais uma carta! E silêncio prolongado!! Aguardará a resposta por melhores dias? É triste... «Veja se, ao menos, me dão assistência médica!...» — implora-nos a pobre mulher insistentemente. E com razão. A sua voz chegará ao vértice? Temos a documentação na mão (um «dossier») para os devidos efeitos.

Não somos especialistas em assuntos de seguro social. Apenas recolhemos dos Pobres. Mas, ao olharmos para os saldos da Previdência sofremos com os que sofrem. É a nossa

missão. E relembramos aquele velho desabafo de Pai Américo — há mais de 20 anos! — inserto em «O Barredo», que não tarda a ser reeditado: «mais providência e menos previdência»...

DONATIVOS — De S. Mamede de Infesta «100\$00 para as amêndoas dos meus irmãos da Conferência, pela alma dos meus queridos que Deus tem».

De algures 30\$00: «Eu e Ela depomos nas vossas mãos esta pequena ajuda para os vossos e nossos irmãos, a que vós tendes a felicidade de atender...».

Aveiro: «Para os seus Pobres, junto esta migalha (100\$00) em acção de graças. Peça-lhes que rezem por alguém que, mesmo numa maneira um pouco diferente, também é muito pobre e precisa de orações. Rezem também pela minha família, lhes peço».

Da Alemanha, assinante 2838: «Aqui envio um pouco do meu pouco para os meus Irmãos mais pobres. Páscoa feliz».

Lisboa: «Uma pequena migalha (50\$00) para a Páscoa dos nossos Irmãos, pobres, em nome de Jesus

Resuscitado, em todos os corações». É da assinante 17929.

Finalmente, 50\$00 da assinante 28062 de Pardilhó e o dobro duma farmaceutica de Coimbra.

Em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL — O nosso Grupo Desportivo continua sem realizar encontros de futebol com grupos de fora.

Temos recebido ultimamente muitos pedidos de jogos. Assim que houver possibilidade de se começar a jogar, poderemos com certeza atender por ordem todos os pedidos.

Amigo leitor: se também tem cá o seu pedido, aguarde mais um bocadinho, porque brevemente será atendido.

PISCINA — Prosseguem as obras na piscina. Depois de se encher, a fim de o cimento não começar a estalar, os nossos «construtores civis» começaram a obra dos balneários.

Esperamos que os próximos dois meses, até à época balnear, as obras fiquem concluídas, para que todos possamos saborear um rico banho.

Aliás este empreendimento representa o esforço de todos para o bem comum.

PEDIDO — Há duas ou três quinzenas fiz um pedido de livros para a nossa biblioteca. Infelizmente fomos atendidos só por uma pessoa!

Leitor amigo: Ainda está a tempo de dar a sua ajuda. Vamos lá, não fique de braços cruzados. Faça o favor de enviar, já, hoje, os livros de que não precise. E ficar-lhe-emos muito gratos.

Queria também fazer outro pedido. Desta vez um gira-discos, com discos de música moderna, de preferência. Na verdade, serve qualquer um. Mesmo que esteja velho. Ou ainda novo — mas que não faça falta.

Resolver-nos-ia um grande problema: ocupação dos tempos livres.

Esperamos ser atendidos. Desde já, um muito obrigado.

TELESCOLA — Recomeçaram as aulas do 3.º período.

Ainda bem que as notas foram aceitáveis. Deste modo, é o último período e, portanto, toca a trabalhar!

ESCOLA PRIMÁRIA — Neste sector escolar recomeçou-se, também, em grande marcha!

Quinze dias de férias foram suficientes para ganhar forças para encarar seriamente o último período do ano lectivo.

Desejo a todos os estudantes as maiores felicidades.

Henrique Ribeiro Fernandes

A crise de papel mantém-se!

Cont. da PRIMEIRA página

estabelecer o equilíbrio uma vez que a oferta não satisfaz a procura. É por demais notório que a actividade de exportação apresenta crescente interesse para as empresas industriais produtoras de pasta para papel, daí resultando que não se fabrica papel, pelo menos por forma a abastecer satisfatoriamente o mercado. É um problema grave para a Imprensa e as editoras, até porque quando escasseia um produto as «regras do jogo» do mercado levam a que os preços subam, mais do que a subida geral, por pressão mais forte da procura. A situação parece tanto mais de merecer atenção quanto pode ser reveladora de uma certa descoordenação que leva a que a vantagem da exportação crie problemas de fornecimentos internos, e pressões altistas sobre os preços, numa situação já claramente inflacionista...»

Remata, agora, o «Notícias da Amadora»:

«... É preciso atender à situação (do mercado de papéis), com a urgência que compreenderá. Breve, os pequenos jornais e pequenas revistas terão de suspender a publicação. Os grandes, esses passarão incólumes. Os patrões são praticamente os mesmos e tudo será feito para que lhes seja assegurada a laboração».

Júlio Mendes



FESTAS

«Vivemos, no último sábado, uma jornada de confraternização inolvidável! Quando um Preso é afagado na sua dor, é assim que se deve dizer...»

Vieram até nós, aqui a Santa Cruz do Bispo, à Colónia Penal, a ingenuidade, a singeleza dos Galatos de Paço de Sousa. Vieram cá com uma «Revista» engraçadíssima, durante a qual, nós, prisioneiros segregados da vida social, nos esquecemos, por momentos, da fatalidade da nossa pobre situação.

Bons artistas, estes Galatos, precoces na arte nada fácil de representar! Bons «gags» que fizeram rir saudavelmente o auditório, um tanto fugazmente esquecido dos seus males... E era isso afinal o que pretendiam tanto os actores mais miúdos, como dois ou três já adultos. Quando «O GALATO» visita os Presos, não é, positivamente para agravar seus sofrimentos, não!

É, muito pelo contrário, para lhes transmitir coragem e fé — se possível um pouco de júbilo — para dias melhores.

E o que é irrecusável, é que o conseguem plenamente; mesmo quando em vez de fazerem rir, fazem pensar, com números a que não é nada, absolutamente nada estranho, um notável sentido artístico.

Tocou o coração de todos, possivelmente, esta visita. Os mais pequenitos encantaram pela sua inocência; os maiorzitos pela ingenuidade das suas

atitudes quando, por exemplo, no intervalo da representação, se vieram juntar a nós, Presos, que procurámos os corredores para fumar um cigarro! Dir-se-iam nossos irmãozitos mais novos ou nossos filhos, a perguntarem-nos, inocentemente, coisas aliás bem triviais.

Também os três adultos a que acima nos referimos, nos deram lição de bom trato e fino gesto. Boa gente, almas excelentes!

A todos, incluindo os elementos da orquestra, um obrigado do fundo da nossa alma triste, mas grata. Bem hajam de Deus pelo que fazem aos seus irmãos n'Ele!»

(in «Candeia»)

X X X

Na próxima quinzena os nossos Rapazes, do Centro e do Sul do País, actuam:

Dia 12 — ALMADA

Dia 12 — GOUVEIA

Dia 14 — CASTELO BRANCO

Dia 15 — FUNDAO

Dia 16 — COVILHÁ

Dia 19 — CANTANHEDE

Dia 21 — FIGUEIRA DA FOZ

Dia 24 — MEALHADA

Dia 26 — MIRA

Os habituais 100\$, em selos do correio, que nos chegam mensalmente da Amadora. Um pacote com medicamentos, dos Laboratórios Azevedos. 100\$ de Emília. De Carolina Barros, 50\$. «Por alma de minha mãe», 50\$. Da família do nosso Jorge «Penacova», mil escudos. Com o carimbo do Porto, 200\$. Al-gés com 50\$. De Clara e José Flores, 60\$. «Uma mãe» com 100\$. «Uma das duas irmãs muita amigas», com 500\$. Quantias várias, para os Pobres do Barredo. «Quando já não contava e após longo tempo de espera, fui finalmente promovido no meu emprego. Aqui vai, pois, a importância do meu primeiro aumento, 1.300\$»

De Valadares, letra muito conhecida e várias presenças, vieram 200\$, 100\$, 300\$ e 350\$. Da Firma Pinto & Cruz, Lda. o donativo anual de 3 contos. Por alma de Hernani Ferreira Borges, 500\$. «Com o pedido de uma oração pelo meu Papá, no primeiro aniversário da sua morte», 100\$. «Alentejana» com 300\$. De Alcobaca, 100\$. Mais 500\$ dos Carvalhos. Ana Maria com 50\$. Eduardo Costa, com 700\$. «Uma avó» com 20\$. Velha amiga, da Avenida Sidónio Pais, com 100\$. Assinante de Espinho, com 50\$. Mais 100\$ de Luisa. Migalha de Fanzeres. 20\$+20\$+20\$, de Maria Angelina. Selos usados vindos da Guiné e de Cascais.

Do que nós necessitamos

Uma caixa com camisas, de Montalegre. Roupas e 200\$, da Tabacaria Lusa, do Porto. 700\$, primeiro subsídio de renda de casa, duma professora primária. 10 contos de Gaia, de quem mensalmente aparece, com quantias inferiores. «Uma Mãe agradecida», do Estoril, com 5.000\$, deixados quando nos visitou há tempos.

«Obra de Deus, para os Pobres», com várias presenças. 500\$ de Lisboa. 50\$ do Porto. «Uma tia agradecida», com 20\$. Por alma de Aurora e Manuel, 200\$. Assinante de Rio Tinto, com quatro notas de 100\$. De Professores, alunos e empregados do Externato Camões, de Rio Tinto, 570\$. Lisboa com 200\$. Assinante 25410, de Vila Real de Santo António, a certeza de que temos recebido sempre notícias e suas ofertas. 500\$ de Lisboa. Mais vários aumentos de ordenados, que o correio nos trouxe, acompanhados de palavras de esperança numa vida melhor. Deus o queira. 850\$ do Porto, 500\$ de Faro, 500\$ de Gaia, 386\$30 de Coimbra e 500\$ da capital.

Da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, a quando da nossa Festa lá, 1.260\$. O nosso Maioral entregou 300\$. De Braga, 500\$. Muitos votos de Páscoa feliz e «amêndoas». Dez contos de Lisboa. Lenços do Porto. Vestuário e calçado de várias procedências. Da Escola Preparatória de João Afonso, de Aveiro, 1.800\$ na visita que nos fizeram. De um grupo de alunas da Escola do Magistério Primário do Porto, 150\$. Cheque de 2.000\$, em intenção de Emília Ribeiro, falecida em Janeiro. Sua alma foi lembrada, junto do altar. Da Rua Alferes Malheiro, os 120\$ mensais, de sempre. 50\$

em acção de graças dum motorista. E uma saquinha com migalhas saborosas, das Costureiras do Hospital Geral de Santo António. Somaram elas 327\$50. Bem hajam.

De várias promessas e agradecendo graças recebidas, acusamos: 50\$ de Rebordosa. 100\$ do Porto. Mais 100\$ de algures. Igual importância de Pom-bal. 230\$ da Invicta. 154\$10 de Areosa. 500\$ de Angela. 100\$ do Porto e 1.000\$ de Armandina.

Mais da Escola Preparatória do Conde D. Henrique, 100\$. Também de Amarante, 628\$40. Mais donativos, entregues à porta do nosso Lar do Porto,

à Rua D. João IV. Livros infantis, do Brasil. Maria Emília com 100\$. Do Porto, 50\$. Do Estoril, 10 dólares. 500\$ de Belazaima. Visitante com 200\$. Mais 70\$ de S. Pedro do Sul. Por alma de Manuel, três mensalidades de 50\$ e uma de 100\$. Mil escudos do Porto. Uma Espanhola residente em Lisboa, com 150\$. Mais 20\$ do Porto. De «Zé Ninguém», 50\$. «Uma portuense qualquer» com 150\$. Cheque de 2.000\$ de Lisboa, «e não me agradeçam, pois quem dá é que fica grato». Teresinha pede orações e envia 1.000\$. «Uma Mãe Alentejana» está presente. Mais 200\$ dum aumento de ordenado. Duma professora aposentada, também 200\$. «Mãe que crê em Deus», com as presenças costumadas.

Um abraço agradecido para todos.

Manuel Pinto

RETALHOS DE VIDA

O «Catete»



Sou natural de Catete, no concelho de Luanda, onde nasci a 13 de Outubro de 1956.

Tinha eu nove anos quando meu pai me abandonou.

Somos actualmente cinco irmãos: três rapazes e duas raparigas. Sou o mais velho de todos. Tenho actualmente 16 anos de idade, estou na carreira dos 17. Tenho uma irmã com oito anos, outra com seis, um irmão com cinco e outro irmão com três anos.

Depois de eu estar seis meses sem o meu pai, comecei a ir todos os dias pedir comida ao quartel de Catete, porque só a minha mãe não nos podia sustentar.

No quartel de Catete arranjei um tropa que era muito meu amigo e que também foi Gaiato de Paço de Sousa. Ele falou com o Capelão e disse-lhe que eu tinha muita vontade de entrar numa casa de educação. Então, o sr. Padre concordou. Falou com o sr. Padre Telmo. E entrei para a Casa do Gaiato de Malanje aos dez anos.

Depois de lá estar seis anos e seis meses, fui transferido para a Casa do Gaiato de Benguela, aonde me encontro a aprender a arte de serralheiro, com muito gosto.

Mas antes de ser transferido para Benguela, não compreendia o que era a Casa do Gaiato. Por isso, caros leitores, uma vez fugi de Casa para ver a minha mãe e contar-lhe o que afinal é a Casa do Gaiato.

Só depois de ter chegado aos quinze anos é que comecei a compreender a nossa Obra — por meio de um casal da Casa e do sr. Padre Telmo. Já tinha mais idade e andava na terceira classe. Compreendia melhor.

Na Casa aprendi a fazer todos os trabalhos domésticos.

Quando vim para Malanje nem sequer tinha a primeira classe. Só comecei a estudar com dez anos. Infelizmente a minha cabeça não ajudava e reprovei na terceira classe. Hoje, tenho 16 anos e estou na quarta classe.

Só dois anos depois é que a minha família soube que estava na Casa do Gaiato.

Ai de mim se não fosse o sr. Padre Telmo e o sr. Padre Manuel! Não sei o que seria hoje...

Andava com muita vontade de escrever para o Jornal — a fim de contar parte da minha vida. Ai está.

Fernando Armando Machado («Catete»)

A reedição do livro «VIAGENS»

● CONTINUAM A CHEGAR POSTAIS RSF

Continuam a chegar pedidos de livros «Viagens» e outros, pelos postais RSF. Mas, claro, já não é aquela «enxurrada» dos primeiros dias.

São presenças de norte a sul do País. Muitos a solicitar todas ou quase todas as obras de Pai Américo, que possuímos em estante e cujos «stocks» desceram extraordinariamente.

A propósito: Já revelámos em uma das últimas edições do «Famoso» que o Livro «Porta Aberta» está praticamente esgotado. Por isso, repetimos, não podemos satisfazer os pedidos que surjam, futuramente.

● PRESENÇA DOS LEITORES

Não há dúvida, os leitores continuam dando uma tônica muito especial à procissão da Editorial. São depoimentos de transcendente valor espiritual.

Começamos por Lisboa:

«Como sempre, tenho lido com o maior interesse o livro «Viagens» que nos faz rir, chorar e pensar...

Na realidade o Pai Américo continua entre nós, tal a amplitude da sua extraordinária Obra, que resiste aos embates da imoralidade dos tempos presentes.

Que Deus continue a abençoar os que se dedicam à nobre missão de formar caracteres — digo, homens de verdade...»

Passamos a Torres Novas:

«Em devido tempo recebi os livros «Obra da Rua» e «Via-

gens», escritos pelo Pai Américo.

Eu e minha mulher já os temos e a seguir serão os nossos filhos. Nós achamos que estes livros deveriam ser lidos por toda a gente e se possível deveriam também fazer parte da educação de todas as crianças.

Como os livros de Pai Américo satisfazem tanto as nossas almas, não resistimos à tentação de vos pedir mais livros. Se ainda não estiverem esgotados agradeceríamos que nos enviassem os dois volumes do «Isto é a Casa do Gaiato...»

Agora, é Faro:

«Peço desculpa de só hoje lhes dar notícias sobre o livro «Viagens» que me enviaram.

Tive a fatalidade de partir o braço direito e não podia escrever. É esta a primeira vez que escrevo para lhes enviar 50\$00 porque estava envergonhada da demora.

Já li o livro. Foi o que me ajudou a passar o tempo de crise por que passei...»

Esta carta bem merecia ser publicada em uma gravura!

Atenção ao Funchal:

«Estava eu pensando mandar vir o «Viagens» do nosso Pai Américo, quando o livro me chegou à porta!

Muito e muito obrigada.

Hoje envio 500\$00 para pagar o «Viagens» e a minha assinatura do «Famoso».

Pagar! Não é verdade que esta palavra adquire um som blasfemo? Perdoe-me.

Que Deus continue ajudando todos que trabalham nessa Casa...»

Outra vez Lisboa:

«Os livros de Pai Américo! Tenho-os todos e de há muitos anos. Mas quando chegam começo logo a relê-los e só os deixo no fim, com o sentir que Deus sabe e que só pode disfrutar quem escreve, como ele, com a alma toda.

E até parece que gosto cada vez mais deles, à medida que o tempo vai passando e tanto traz consigo...»

Uma presença do Porto:

«Junto envio uma pequeníssima importância não para pagar, que um tesouro assim não tem preço. Muito agradeço não se terem esquecido de mim, pelo envio do «Viagens». Já o li, reli e torno a relê-lo. É o meu diário de todas as horas livres. Quanto mais o leio mais me dá vontade de ler, porque, quem o lê, não lê, reza.

Desculpe tanta maçada..., mas é assim o que sinto...»

Lisboa fecha a procissão:

«Como poderia eu pagar a conversão de meu marido realizada só pelos escritos do P. Américo, ele que tanto tinha lido sobre religião, à procura da Verdade que só aí encontrou?...»

Júlio Mendes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE





Cont. da PRIMEIRA página

zes as situações são avaliadas de um modo frio, intelectualista, distante, nos gabinetes de quem nunca desceu à rua para comungar na desgraça!

Tenho na minha frente os Direitos da Criança impressos em cartolina, letras negras, num fundo rubro, da declaração assinada em 20 de Novembro de 1959. Porquê a assinatura desta declaração? Não será porque há crianças a quem são negados estes direitos? Pois se todos tivessem pais com cultura e dignidade moral seria inútil um documento desta natureza. Mas se os pais são destituídos desta e daquela — a quem competirá a obrigação de vejar de um modo eficaz para que a crian-

ca não seja expoliada dos seus direitos?

Não será aos poderes públicos? E a quem poderei recorrer imediatamente em casos como este?

Há trinta anos que esta Óbra brada pelos seus direitos, ou melhor pelos Direitos das Crianças que acolhe e, até hoje, nada adiantou, a não ser semear inquietação.

Trago a sorte do João atravessada no espirito. A dele e a de todos os que aqui em Casa se encontram sujeitos à mesma expolição. Ainda esta manhã o pai do «Meia-Tripa» me ameaçou que iria «resolver o problema à sua maneira!»...

O Modesto tem dois anos. O João tem seis. A eles damos uma boa parte de nós mesmos. Do fundo do nosso coração desejamos fazer deles homens. São irmãos do João. Quando daqui a seis ou mais anos os progenitores vierem reclamar os seus hipotéticos direitos: («qu'ele é mê filho») — que lhes poderei dizer? A quem recorrerrei para lhes embargar os seus perversos intentos? Terei ainda de sofrer a dor e a morte? Se os homens continuarem instalados nos seus gabinetes, não terei outro remédio.

Padre Acílio



Foi num jornal do Porto em 1 de Abril passado (cuido que não é mentira!) que eu vi a fotografia e a legenda:

«Na velha Quinta do Aleixo, adquirida pela Câmara, e que se localiza na zona de Lordelo do Ouro, estão a erguer-se, como já é do domínio público, as casas-torres, destinadas ao realojamento de 325 famílias do Barredo, que deixarão as suas moradias para que o nosso Município possa emprender obras de higienização e de arranjo urbanístico daquele pedaço do velho burgo portuense. A gravura mostra-nos quatro desses blocos em construção, uns mais, outros menos adiantados. Cada um deles terá 13 pisos e 65 habitações, totalizando, portanto 325. As famílias que vão para ali, uma vez concluídos os blocos, disporão, ainda, na cave, de uma dependência cada, destinada a arru- mações.

Os primeiros grupos de famílias do Barredo serão realojados já no próximo ano, pois devem ficar concluídos três dos blocos.»

Como Pai Américo rejubilava, se no Céu algo de aciden-

tal pudesse acrescentar a felicidade essencial!

É um seu sonho, uma sua profecia que começa a cumprir-se. Que Pai Américo era artista e amava o património que os antepassados tinham ajuntado! Ele não queria a demolição! Não, que «o Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido, seus largos, seus nichos e «alminhas» — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!». Ele queria, exactamente, a rarefacção daquele amontoado de gente, sem tom nem som, que permitiria, sem destruir, «as obras de higienização e de arranjo urbanístico daquele pedaço do velho burgo portuense», que está agora em vias de realizar-se.

A pensar assim, escrevia Pai Américo, no prólogo de «O Barredo»:

«Quem sabe se (...) poderemos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume — quem sabe? Um segundo volume de «O Barredo», sim, mas outro Barredo com casas e armazéns de negócio ribeirinho, fontes, pra-

ças e mirantes, jardins, gente limpa e bem disposta. (...) E porque não? Quem sabe se este meu verbo no condicional se não há-de tornar num futuro presente? Quem sabe se os homens, cansados de novas e constantes experiências, não virão a regressar?»

Pois parece que estamos no regresso, que é progresso.

Oxalá os homens jamais se cansem desta experiência e a levem até ao fim.

x x x

Pois é neste mesmo momento que estamos a postos para iniciar a reedição de «O Barredo».

Alto! Trata-se do primeiro volume! Não cantemos vitória prematura! Mas vamos trabalhando em esperança fundada de que não demorará muito o dia em que será oportuno pensar na edição do tal segundo volume; e na alegria de ver que «os homens de bem se determinaram a dar preferência a esta obra, dizendo baixinho para dentro de si mesmos, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhe acudissem».

Agu Lisboa

A importância dos dentes na vida parece não ser alvo dos cuidados requeridos, mesmo em sectores mais favorecidos economicamente. As pessoas, em geral, só se lembram deles quando as dores surgem, esquecendo os malefícios resultantes para a saúde de uma dentição doente e até os valores estéticos em jogo, susceptíveis de criar problemas graves de várias ordens. Se um nível alimentar deficiente ou desequilibrado pode trazer e trazer dentes enfermiços, a falta de conhecimento dos adultos, aliada a um certo desinteresse dos pais e dos educadores, mais agrava a questão. Acresce ainda que é praticamente inexistente a cobertura médica neste capítulo, sobretudo fora dos grandes centros, e que o recurso aos dentistas, onde os há, se torna assaz moroso para a maioria das pessoas.

Surgem estas considerações a propósito dos Rapazes que vão chegando a nossas Casas. Dum modo geral trazem bocas inconcebíveis, a atestar as privações por que passaram, de ordem alimentar e outras, além da ausência de cuidados ou de

atenção. Uma das nossas primeiras preocupações reside numa inspecção cuidada da boca dos recém-chegados. Depois, recorrendo à generosa amizade de Alguém que vem a Lourdes ou aos Serviços da Misericórdia, vamos procurando combater os males constatados. Eliminados os focos de podridão, parece até que as cores e o crescimento são outros; a segunda dentição irrompe normalmente em boas condições, a ponto de estrangeiros que nos visitam se admirarem com os dentes dos Rapazes mais velhos.

Não cabe na índole de «O Gaiato» aprofundar este assunto. Apenas pretende chamar a atenção dos responsáveis para a sua basilar acuidade. Muitas doenças ou inibições surgem com a consequência de bocas mal tratadas ou desprezadas. Se urge facultar, pela evolução de condições de vida, mais possibilidades de uma alimentação racional, importa des- pertar as pessoas para um melhor conhecimento e interesse pelos problemas, ao mesmo tempo que se lhes vão oferecendo meios adequados para se lhes fazer face. Estão em jogo valores muito grandes, para serem esquecidos ou desprezados. E quem pode ficar insensível perante esta e outras necessidades?!

Padre Luiz



Aquele pequeno encantador de que vos falei, há duas quinzenas, foi-se embora. Nunca soube donde veio. E não sei para onde foi. Ficámos com pena. A porta aberta que o viu entrar, viu-o sair do mesmo modo. A cama que deixou vazia, foi ocupada no dia seguinte. E a nossa vida continuou aparentemente como dantes.

Mas não é assim. Ficou-nos uma preocupação. O «Cabin-da» era da nossa Casa. Os poucos dias que esteve conosco deram-lhe uma cara nova. Mas não resistiu ao remédio. Onze anos de rua pesam muito. E foi-se. A rua perde-os. Eles são tantos em risco de se perder!

Por isso aflige que tantos pais se preocupem tão pouco com os seus filhos que andam na rua.

Vamos às causas. Vamos à família, onde ela existe. Aqui está o mal. A raiz do mal está

aqui. Onde uma família sã, por regra, há filhos sãos. A rua chama e pesa muito. Mas a saúde da família tem mais força.

A maioria dos garotos que nos procuram não tem família capaz, não tem casa. E têm a rua como escola. A Casa do Gaiato quer ser a família, o lar, a escola. É a cura do mal pela raiz!

x x x

Passei por uma das ruas da «Aldeia» onde varriam os «Batatas». Eles são o encanto de quem nos visita. «Gosto de os ver, conduzidos por um dos mais velhos para o seu trabalho».

Desta vez era um grupo pequenino com o seu chefe do mesmo tamanho. Levantou-se tremenda zaragata entre eles que chamou a minha atenção. Vou ver o que se passa. Todos querem falar à uma. Quei-

xam-se de que o Chefe não trabalha. Que também ele devia pegar na vassoura e varrer como eles. Que ele deve dar o exemplo. Que ele está feito capataz e mais e mais. Eu ouvi tudo e o Chefe também ouviu. Todos perceberam que a razão estava pelo lado dos queixosos. Oxalá que todos os senhores que mandam oiçam também!

x x x

Telefonou-me, há dias, um amigo a dizer que ia arranjar assinaturas para o jornal «O Gaiato». Não me disse pelo telefone o porquê dessa decisão. Quando me encontrou, depois, abriu-se:

«O Jornal dá-me lições. São pedaços da vida de tantos homens como eu. Queixo-me de dificuldades na minha vida e afinal verifico que há outros a sofrer mais do que eu. Queixo-me do meu vencimento e vejo que há tantos que tiram ao seu ordenado e repartem. E com que sacrifício não o fazem! Do primeiro vencimento retiram uma parte e dão! Bem sei que há outros para quem o dar não representa sacrifício. Mas os outros?»

Escutei. Os homens são bons. Ajudá-los a descobrir toda a riqueza do seu interior e apontar-lhes o Caminho é servi-los.

Padre Manuel

